



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA
CURSO DE PEDAGOGIA

ALINE DE OLIVEIRA BARROSO

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E SABERES AMAZONENSES:
a escuta dos contos de tradição oral de moradores do município de Parintins (AM)

Parintins, Am

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B277h Barroso, Aline de Oliveira
Histórias, memórias e saberes amazonenses : a escuta dos contos de tradição oral de moradores do município de Parintins (Am) / Aline de Oliveira Barroso . 2023
26 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Kézia Siméia Barbosa da Silva Martins
TCC de Graduação (Pedagogia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Histórias. 2. Memórias. 3. Saberes amazonenses. 4. História oral. I. Martins, Kézia Siméia Barbosa da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ALINE DE OLIVEIRA BARROSO

**HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E SABERES AMAZONENSES:
a escuta dos contos de tradição oral de moradores do município de Parintins (AM)**

Artigo científico apresentado à Universidade Federal do Amazonas, UFAM, como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Kézia Siméia
Barbosa da Silva Martins

Parintins, Am

2023

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E SABERES AMAZONENSES: a escuta dos contos de tradição oral de moradores do município de Parintins (AM)

Aline de Oliveira Barroso¹

Kézia Siméia Barbosa da Silva Martins²

RESUMO

O presente estudo foi impulsionado pela inquietação em evidenciar as tradições dos contos orais e registrar esses saberes protagonizados por moradores do município de Parintins (AM), construindo narrativas, vivências e explicações do nosso universo amazônico. Desse modo, foram traçados os objetivos do estudo, de modo geral pesquisar sobre os contos de tradição oral registrando memórias e saberes culturais de moradores do município de Parintins (AM), com intuito de: a) escutar e registrar as vozes e memórias de moradores do município de Parintins, valorizando os contos de tradição oral; b) evidenciar os saberes tradicionais, histórias e memórias por meio das narrativas orais de moradores em Parintins (AM); c) e analisar a contribuição dos conteúdos que compõem os contos de tradição oral para reflexões, vivências e explicações dos saberes do contexto amazonense. Para isso foi traçado um caminho metodológico fincado numa pesquisa *qualitativa*, por meio da metodologia da *História Oral* (MEIHY, 2005). Realizamos a *pesquisa de Campo* em 06 bairros mais tradicionais e antigos do município de Parintins, utilizando a *entrevista de história oral* com 10 (dez) moradores. Autores como Bussatto (2012), Thompson (2002), Benjamim (1987), Estés (1998), Le Goff (1994), Bosi (1994); Loureiro (2003), Barbosa (2011) fundamentaram os conceitos e reflexões epistemológicas da pesquisa. O estudo suscitou reflexões teóricas, registros de narrativas orais e análises das ricas experiências dos encontros com os moradores, protagonistas da pesquisa, cujos saberes compartilhados despertou olhares e leituras sobre o imaginário, os mitos, as lendas, a fé, as crenças, os grupos étnicos e a vida em comunidade.

Palavras-chave: Histórias e memórias; Contos de tradição oral; saberes amazonenses.

ABSTRACT

The present study was driven by the concern to highlight the traditions of oral tales and record this knowledge led by residents of the municipality of Parintins (AM), constructing narratives, experiences and explanations of our Amazonian universe. Thus, the objectives of the study were outlined, in general to research on the tales of oral tradition recording memories and cultural knowledge of residents of the municipality of Parintins (AM), in order to: a) listen to and record the voices and memories of residents of the municipality of Parintins, valuing the tales of oral tradition; b) to evidence the traditional knowledge, stories and memories through the oral narratives of residents in Parintins (AM); c) and analyze the contribution of the contents that make up the tales of oral tradition for reflections, experiences and explanations of the knowledge of the Amazonian context. For this, a methodological path was traced based on a qualitative research, through the methodology of Oral History (MEIHY, 2005). We conducted the field research in 06 more traditional and old neighborhoods of the municipality of Parintins, using the oral history interview with 10 (ten) residents. Authors such as Bussatto (2012),

¹ Graduanda do curso de Pedagogia, Universidade Federal do Amazonas, e-mail: 105lilimorais@gmail.com

² Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. Doutora em Educação, UFAM. E-mail: keziasimeia@ufam.edu.br.

Thompson (2002), Benjamin (1987), Estés (1998), Le Goff (1994), Bosi (1994); Loureiro (2003), Barbosa (2011) grounded the concepts and epistemological reflections of the research. The study raised theoretical reflections, records of oral narratives and analyses of the rich experiences of the meetings with the residents, protagonists of the research, whose shared knowledge aroused looks and readings about the imaginary, myths, legends, faith, beliefs, ethnic groups and community life.

Keywords: Stories and memories; Tales of oral tradition; Amazonian knowledge.

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi impulsionado pela inquietação em evidenciar as tradições dos contos orais, silenciados e esquecidos pelo tempo e no tempo, bem como registrar esses saberes protagonizados por moradores do município de Parintins (AM), constituídos de narrativas, vivências e explicações do nosso universo amazônico.

Thompson (2002) destaca que a história oral contribui para o resgate de memórias, além de ser fonte de pesquisa em diversas áreas, ressalta e preserva a memória e as evidências de fatos históricos. Portanto esta pesquisa justifica-se pelos diálogos com essas tradições, cujas fontes compartilham a realidade por meio de registros como forma de cultivar os saberes tradicionais, despertar sensibilidades, historiar os contos orais e resgatar emoções perdidas ou esquecidas nas memórias dos que contam e do ouvinte. Evidenciar essas vozes e experiências que provocam a imaginação coletiva e individual atribuiu a nós o sentimento de pertencimento cultural.

Desse modo, foram traçados os objetivos do estudo, de modo geral propôs pesquisar sobre os contos de tradição oral registrando memórias e saberes culturais de moradores do município de Parintins (AM), com intuito de: a) escutar e registrar as vozes e memórias de moradores do município de Parintins, valorizando os contos de tradição oral; b) evidenciar os saberes tradicionais, histórias e memórias por meio das narrativas orais de moradores em Parintins (AM); c) analisar a contribuição dos conteúdos que compõem os contos de tradição oral para reflexões, vivências e explicações dos saberes do contexto amazonense.

Para isso, foi traçado um caminho metodológico fincado numa pesquisa com *abordagem qualitativa*, permitindo o contato direto com os sujeitos, o ambiente e a situação pesquisada (LUDKE; ANDRÉ, 1986) e na metodologia da *História Oral* (MEIHY, 2005). Os fundamentos teóricos se embasaram em (BUSATTO, 2012; THOMPSON, 2002; BENJAMIN, 1987; ESTÉS, 1998; LE GOFF, 1994; HALBWACHS, 1968; BOSI, 1994; LOUREIRO, 2003; BARBOSA, 2011). O estudo se desenvolveu por meio da *Pesquisa de Campo* em 06 bairros

mais tradicionais e antigos do município de Parintins, utilizando as técnicas do *diário de campo* e a *entrevista de história oral* com 10 (dez) moradores do município de Parintins-Am, sendo 05 destes moradores dos bairros mais antigos e tradicionais de Parintins.

A primeira etapa ocorreu por meio de levantamentos e estudos bibliográficos que abordam os conceitos centrais da pesquisa. Na segunda, a *pesquisa de campo*, onde foram estabelecidos critérios para encontrar os moradores que contribuíram para alcançar os objetivos da pesquisa e, por meio da *História Oral* como metodologia de pesquisa para compreender e entender os sujeitos através da escuta e registros de suas falas. Nesse sentido, as *entrevistas de história oral* foram apropriadas para a coleta e produção dos dados.

Deste modo, a pesquisa direciona os esforços em suscitar memórias e narrativas sensíveis que marcaram e marcam tempos dos moradores locais, suas histórias, os “chãos e rios” de muitas vidas, das produções culturais e os múltiplos e distintos saberes. Os tópicos que compõem o trabalho trarão reflexões teóricas, narrativas e análises das ricas experiências dos encontros com os moradores, protagonistas da pesquisa, cujos saberes compartilhados despertou olhares e leituras sobre o imaginário, os mitos, as lendas, a fé, as crenças, os grupos étnicos e a vida em comunidade.

1. CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIAS E SABERES: reflexões e apontamentos teóricos.

O ser humano possui a capacidade de transmitir conhecimentos sobre os quais os registros escritos não são capazes de dar conta, estão presentes na memória e no imaginário. Assim, o sujeito histórico compreende seu lugar no mundo e graças a esse ciclo de sucessão oral, os contos de tradição oral, crenças, conhecimentos e os saberes estão presentes. Delgado (2006, p. 9) ressalta que memória “[...] é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente.”.

Assim, são preservadas as culturas durante gerações, permitindo que sua transmissão ocorra através das narrativas orais, remetendo à arte de contar e ouvir histórias, as quais, segundo Estés (1998, p. 17) “podem ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos.” Os contos de tradição oral são frutos da ancestralidade que se entrelaçam com as experiências do cotidiano e se fortalecem com a capacidade de transmissão e preservação de saberes. A *Tradição Oral* caracteriza-se pelo testemunho transmitido oralmente de uma geração para outra, portanto as

narrativas orais configuram os pilares onde *se* apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição.

Segundo Barbosa (2011) essas formas de expressão constituem parte da identidade cultural de um povo e têm sido mantidas apesar das transformações que sofrem no tempo e no espaço. Encontramos muitas vezes variantes de uma mesma manifestação, dependendo da região e da época. Nos gêneros orais, como provérbios, cantigas, orações e histórias [contos de ensinamento, fabulas, lendas, mitos, paródias, etc.]. A voz é o presente, é uma criação momentânea que está encarregada de transmitir valores de geração para geração. Ela representa uma tradição, e como tal, preserva traços específicos próprios desta mesma tradição. A voz transmite sentimentos, ideias e emoções,

Thompson (2002) destaca a história oral como primeira espécie de história e a relação entre história e comunidade como uma troca entre informações e interpretações. A história de pessoas idosas, em especial, fornece informações importantes para as gerações mais jovens e a forma como esses conhecimentos são transmitidos ocorre através de narrativas realizadas nas reuniões familiares e entre os grupos sociais e comunidades, é nesse momento que é possível o compartilhamento e troca recíproca de conhecimentos, de modo individual e coletivo.

Segundo Estés (1998, p. 17) “as histórias que vêm à tona no grupo vão se tornando, ao longo do tempo, tanto extremamente pessoais quanto eternas, pois assumem vida própria quando são repetidas muitas vezes.” Os conhecimentos que constituem a tradição oral exercitam a memória dos sujeitos. É relevante a extensão de informações e experiências vividas e repassadas pelos antepassados que as memórias carregam. Para Costa *et al* (2016, p. 136) “[...] exercitar a própria mente ou memória constitui-se em importante aprendizado [...]”, neste sentido destaca-se a força das narrativas para o desenvolvimento humano e suas relações com o mundo, e a memória possui relevância.

Benjamin (1987), autor de referência ao tratar das narrativas orais tradicionais, ressalta que a narrativa é uma forma de preservação dos conhecimentos adquiridos através das experiências de vida, experiências que passam de pessoa a pessoa, cujas fontes recorrem a diversos narradores, por isso a escrita das narrativas orais não são suficientes para descrever todas as informações e detalhes que se pode encontrar na oralidade.

Thompson (2002) destaca que as evidências das narrativas orais são de natureza particular, se constituem de experiências, das relações sociais, além de citar que toda a história possui uma finalidade e que, no passado, ocorria pela tradição de uma geração. Destaca ainda que, por meio das histórias, as pessoas compreendem as visões e mudanças que justificam seu

cotidiano e, por meio da história familiar ou local, pode-se estimular um forte sentimento de pertencimento.

Nesse sentido:

A utilização de histórias orais é uma prática comum às sociedades de todas as épocas e lugares, de forma ritualizada ou no cotidiano, e atende a múltiplas funções essenciais à vida numa cultura: a comunicação, a explicação de motivações para comportamentos e de causas para as coisas, a persuasão, a criação de versões para acontecimentos, o entretenimento, a construção de mundos e situações possíveis. (SMITH; SPERB, 2007, p. 556).

Daí a importância dessas histórias, por seu caráter múltiplo e essencial à vida humana. São vozes e narrativas que comunicam, explicam as histórias, tempos, espaços, comportamentos, trajetórias, conquistas, criam versões que identificam culturalmente os grupos sociais diversos. Constroem pontes entre os saberes, memórias e identidades.

Benjamin (1987) considera que os contos de tradição oral estão em vias de desaparecimento na contemporaneidade, com o surgimento de novas tecnologias midiáticas, as quais acabam se tornando prioridade na vida das pessoas, mitigando a frequência de reuniões para compartilhamento de histórias tradicionais orais. É dessa maneira que as narrativas perdem suas forças, pois os jovens não atribuem importância ou valor às experiências dos mais velhos. Segundo o autor, no momento em que a experiência coletiva se perde e que a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominantes.

Bosi (1994) reflete sobre a perda da essência da transmissão oral tradicional que causa empobrecimento da arte do imaginário, das influências e riquezas simbólicas geradas e atribuídas pelos contos orais, bem como as identidades e pertencimentos culturais dos grupos. Ressalta que a sociedade possui os guardiões da memória, ou seja, os mais velhos, pois são eles que detêm as memórias dos acontecimentos passados e podem fornecer informações de extrema importância, a qual permite a compreensão da sociedade atual. Destaca a problemática que reflete a geração mais jovem, pois o ritmo de vida moderna não proporciona tempo para refletir sobre as memórias do passado.

É necessário potencializar essas vozes que muito estão esquecidas, fazendo-se necessário valorizá-los, pois quando não é feita essa valorização ocorre um esvaziamento e empobrecimento na sociedade atual. É dessa maneira que Chauí (1995) descreve que a sociedade contemporânea não possibilita os vestígios na memória, ressaltando que a conversa com esses guardiões torne-se uma obra de arte, pois ser velho na sociedade atual é luta diária de sobrevivência. Segundo Bosi (1994, p. 68) “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada.”

Portanto, abordar as histórias e memórias contidas nos contos de tradição oral, é colocar em destaque leituras e análises teóricas neste campo acadêmico, é dar voz, espaço e lugar para esse debate, demarcando a relevância que possui.

2. SABERES AMAZÔNICOS E OS CONTOS DE TRADIÇÃO ORAL: presentes nas/das memórias dos sujeitos amazonenses.

Pensar a diversidade dos saberes da região amazônica, especialmente do homem e mulher amazonense, é entender e compreender que existem experiências vivas, sobre as quais não há fontes documentais que deem conta de registrar. É relevante, portanto, ouvir as histórias e registrar as memórias daqueles que habitam os espaços do cotidiano amazonense, os quais conhecem os chãos, as matas, as formas de vida mais longínquas e vivazes, como:

Conhecimento dos rios [...] Aproveitamento das várzeas dos rios [...] [...] Convivência com regimes das enchentes [...] Práticas agrícolas dos roçados de mandioca [...] caça e identificação de animais silvestres para fins alimentares [...] Pesca e identificação das principais espécies [...] Artesanato [...] Culinária [...] Plantas e ervas medicinais [...] Hábitos alimentares [...] Revelação de lendas, mitos, crenças, crendices e histórias. (BENCHIMOL, 2009, p. 26).

Tais conhecimentos compreendem múltiplos modos de viver, por isso é significativo reconhecer esses sujeitos, dar voz a eles para compartilhar histórias de diferentes tempos e culturas, evidenciar experiências, cenários, crenças, modos de vida, pois a construção da memória coletiva se dá a partir da relação com outros sujeitos.

Para Le Goff (1994) a durabilidade das informações presentes nas memórias dos indivíduos, a qual a narrativa possibilita a transmissão de informações, designa o ato de tradição oral que o indivíduo interpreta e transmite em sua narrativa, ocorrendo uma variação de narrativas e dos saberes e fazeres.

A modernidade e o conjunto de transformações dentro da sociedade refletem certas perdas e mudanças sociais, Serres (2003) reafirma que as relações do tempo atual são diferentes das gerações anteriores, pois com essas transformações, relações sociais e valores adotados pela sociedade e comunidades também se alteram. O avanço tecnológico, ao mesmo tempo em que conecta as pessoas através das mídias sociais, causa distanciamento, descaso com os valores e costumes dos mais velhos, das narrativas orais e contos de tradição oral, consideradas ultrapassadas ou fora de moda.

De acordo com Baumam (1998), vive-se em tempos onde o individualismo é priorizado com o desaparecimento de vários elementos, como os fundamentos éticos do senso comum.

Tais situações se manifestam no indivíduo com um sentimento de saudade e nostalgia, mas as memórias que armazenam recordações, costumes, contos, saberes orais, valores, mesmo não registradas em papéis - e as que possuem registros são escassas e não são capazes de englobar toda a carga de informações e conhecimentos que resistem ao tempo por meio das narrativas orais que permanecem nas memórias - são transmitidas orgulhosamente pelos sujeitos mais velhos, cujas identidades “[...] são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas, identidades formadas culturalmente.” (HALL, 1997, p. 26).

Todavia, ainda existe saberes presentes nos contos orais e memórias que transcendem a lógica em relação aos saberes da floresta, da terra, da água, dos animais, das tradições medicinais, no uso de recursos naturais, que “utilizando-se da floresta de terra firme e da floresta de várzea como territórios biológicos distintos, os moradores amazônicos possuem verdadeiro e simbólica farmácia viva no meio da floresta amazônica.” (WITKOSKI, 2007, p. 268). A propriedade de conhecimentos tradicionais relacionados a tratamento de doenças remete aos saberes amazônicos, pois os habitantes mais antigos fazem uso preferencial dessas receitas que foram ensinadas por gerações.

Contudo, o que se propõe não é estabelecer uma visão romântica e ingênua da realidade desses sujeitos, pois a fonte de grandeza, rica em saberes, é marcada nas expressões físicas, nas mãos calejadas e enrugadas, nos olhos cansados, resultantes do manejo e plantio da terra, da vida diária, da pesca noturna, das caçadas, da movimentação pelos rios. Existe um profundo sentimento de respeito dos sujeitos amazônicos em relação à “Mãe Terra”, isto remete à afetividade e entendimento da comunhão com esse lugar. Paes Loureiro descreve:

Rica de plasticidade e inocente magia, a natureza amazônica se revela como pertencente a uma idade mítica, plena de liberdade e energia telúrica. Situa-se em tempo cósmico no qual tudo brota como nas fontes primevas da criação: a mata, os rios, as aves, os peixes, os animais, o homem, o mito, os deuses. É nesse contexto que o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias. Sob o sfumato do devaneio fecundado pela contemplação do rio e da floresta, olhando o horizonte das águas que lhe parece como a linha que demarca o eterno, o homem da Amazônia foi dominando a natureza enquanto ia sendo dominado por ela. (LOUREIRO, 2003, p. 8).

Para Lévi-Strauss (1978), esses conhecimentos e saberes amazônicos são suficientes para a sobrevivência com a manipulação dos elementos disponíveis ao seu redor, como postula o autor “os povos sem escrita têm conhecimento espantosamente exato do seu meio e de todos os seus recursos” (p. 24). Os povos sem escrita que nasceram e cresceram na região amazônica possuem familiaridade com os meios de sobrevivência através dos elementos da natureza, nos saberes contos de tradição oral.

O processo de produção de saberes, por exemplo, a produção de farinha, manipulação de remédios caseiros, a pesca, o plantio agrícola; bem como a partilha e contos das lendas, mitos, histórias de visagem, que possibilitam um diálogo de vários conhecimentos e saberes que se transformam em conhecimentos que cultivam costumes e práticas, perpetuam modos de vida e valores por várias gerações.

Os saberes amazônicos e contos de tradição, assim como os mitos e lendas servem como explicação de vida, mergulhando no mundo místico, ferramenta de ligação entre tempos históricos, “porque a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara.” (BOSI, 1994, p. 18).

Tais saberes refletem condutas, comportamentos, crenças, rituais conservados que reforçam o sentimento de pertencimento cultural, pois esses elementos estão marcados nas memórias dos sujeitos e aos povos que contribuem para a o patrimônio cultural herdado, onde nem sempre estão registrados em um livro, mas “na linha ribanceira, entre o rio e a floresta, estão os arquivos da vida amazônica. É uma verdadeira escola do olhar. Uma pedagogia da contemplação. Um aprender a aprender olhar. O olhar que experimenta a vertigem de uma alma errante.” (LOUREIRO, 2003, p. 25).

É nessa busca que Joaquim Barbosa (2011) faz um mergulho nas narrativas orais que partem das vozes da experiência e evidenciam-os. Relatos em que não se limita em contar, mas saber contar. Narrativas orais que envolvem personagens místicos que habitam as matas e florestas amazônicas, lugar em que os mistérios da Amazônia e do mundo se encontram “uma viagem que não precisa levar a nenhuma parte. À margem do rio não exige lógica para ser coerente.” (LOUREIRO, 2003, p. 24). Além disso, essas narrativas de vida expressam sabedoria que se transformam em conselhos para a vida.

Benjamin (1987) ressalta que as narrativas permitem ao ouvinte a percepção da dinâmica das matas e florestas, assim como coisas do cotidiano. Com o anseio de ouvir histórias do imaginário amazônico, o autor foi de encontro aos contadores de histórias orais do universo amazônico, moradores idosos com mais de 60 anos, sendo eles: farinheiros, seringueiros, pescadores e entre outros, mas que aos olhos do autor, são contadores de histórias. O autor tornou-se ouvinte dos contadores de histórias ao cair da noite enquanto os mesmos limpavam a mandioca, histórias não somente marcadas na memória, mas no coração evidenciando as narrativas é possível contemplar a grandeza rica da Amazônia, presente nas narrativas orais.

Eis aqui o cerne desta reflexão. Olhar, dar luz, ouvir os dizeres, saberes, as memórias de pessoas que nos mantêm vivos enquanto sujeitos amazonenses, construtores de múltiplas, diversas e singulares histórias.

3. METODOLOGIA

O caminho metodológico do estudo fundamentou-se em uma abordagem *qualitativa* de pesquisa, permitindo o contato direto com os sujeitos, o ambiente e a situação pesquisada (LUDKE; ANDRÉ, 1986) e na metodologia da *História Oral* (MEIHY, 2005) para atingir os objetivos traçados. Segundo Meihy (2005):

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança no conceito de história, mas do que isso garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem (p. 19).

O estudo se desenvolveu por meio uma *Pesquisa de Campo* em 06 bairros mais tradicionais do município de Parintins, utilizando as técnicas do *diário de campo* para registros dos encontros com os moradores, dos diálogos estabelecidos e as anotações necessárias; e a *entrevista de história oral* com 10 (dez) moradores do município de Parintins-Am, sendo 05 destes moradores dos bairros mais antigos do município de Parintins. As entrevistas tiveram duração aproximada de 30 minutos a 01 (uma) hora além de serem realizadas em um local previamente agendado pelos próprios moradores, com o propósito de conservar a qualidade e a confidencialidade das informações, além do conforto dos entrevistados.

Os conteúdos das entrevistas foram coletados por meio das anotações no diário de campo, fotos e gravações em áudio com a autorização dos participantes após a explicação detalhada e assinatura do TCLE, ocorrendo um diálogo espontâneo para que as respostas fossem transcritas em sua totalidade, a fim de que não se perdesse conteúdo significativo para a pesquisa.

Dessa forma, buscou-se manter a essência das falas na transcrição dos relatos orais dos moradores. E, como procedimento ético, preservamos as identidades dos mesmos no trabalho, por meio de nomes fictícios ou de “agrados”, embora todos tenham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, com o propósito de permitir o esclarecimento das finalidades da pesquisa e os relatos fossem exclusivamente para a pesquisa.

A seleção dos sujeitos da pesquisa ocorreu por meio dos seguintes critérios e: serem moradores dos bairros mais antigos de Parintins (Am), de famílias naturalmente amazonenses, com idade acima de 60 (sessenta) anos e com condições de saúde para conceder a entrevista. O quadro elaborado abaixo descreve com mais visibilidade os participantes e protagonistas do estudo realizado, os 10 (dez) moradores do município de Parintins-Am que contribuíram com a pesquisa com seus relatos.

Quadro 1 – Dados dos moradores participantes da pesquisa.

Nomes	DN/Idade	Escolaridade	Bairro onde mora	Cidade/comunidade de origem
1. Dona Selma	1955 (68 anos)	Sem escolaridade	Nossa Senhora de Nazaré	Mocambo
2. Seu Manel	1963 (60 anos)	Ensino médio completo	Francesa	São Pedro do Marajó
3. Dona Teca	1949 (74 anos)	Estudou até a 4° série	Centro	Águia – Terra Santa
4. Seu Ney	1966 (61 anos)	Estudou até a 5° série	Santa Rita	Praia do Mocambo
5. Dona Maridélia	1961 (60 anos)	Ensino Superior	Centro	Nhamundá
6. Seu Eude	1948 (75 anos)	Ensino médio completo.	Centro	Parintins
7. Rodrigues	1958 (65 anos)	Ensino médio completo.	Santa Clara.	Parintins.
8. Seu Meuri	1966 (61 anos)	Sem escolaridade.	São Benedito.	Parintins.
9. Dona Lena	1961 (61 anos)	Sem escolaridade.	Francesa.	São Francisco/Maués.
10. Seu Zacarias	1962 (62 anos)	Ensino médio completo.	Santa Clara.	Brilho do sol/Maués.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora, 2023.

Vale salientar que houve fatos inesperados durante a pesquisa de campo, entretanto o que marcou foi que, mesmo explicando os objetivos e processos para alcançar os resultados da pesquisa e importância dos relatos, alguns desistiram da entrevista por razão de insegurança, por se tratar de uma pesquisa da universidade, justificando que seus relatos e conhecimentos

não seriam válidos para o âmbito universitário, o que leva à reflexão sobre ainda existir a ideia de que os saberes tradicionais são inferiores aos demais saberes mobilizados na academia.

Portanto, as escolhas metodológicas contribuíram para darmos conta dos objetivos propostos neste trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E SAUDADES: *conte um pouco “Seu Manel!”*

Neste tópico serão descritos os resultados dos diálogos compartilhados com os moradores que repartiram histórias e memórias sensivelmente ligadas a uma saudade, a uma lembrança marcante, uma recordação familiar, principalmente ao que remete à infância. Vozes e expressões, em vários momentos, misturadas à melancolia, ao riso escondido, ao aperto de mãos, ao olhar curioso, ao falar acanhado ou desinibido, às muitas saudades de gentes, de cheiros, de comidas, de tempos e épocas.

Os encontros com os moradores aconteceram no conforto de seus lares, o que proporcionou um diálogo mais espontâneo e tranquilo. A experiência foi marcante. Cada encontro, cada conversa embaixo da árvore, no quintal, tecendo malhadeira, vendendo pasteis, lendo e estudando a bíblia na varanda de casa ou no quintal do sítio – neste último a moradora afirmou que fez a escolha de morar num sítio em Parintins por causa da saudade de casa e da infância, gostava do clima do sítio em meio às árvores e canto dos pássaros, pois era o mais próximo que conseguia de matar a saudade.

Os relatos trouxeram emoções, aprendizagens, conhecimentos ricos e diversos saberes. Durante os diálogos foi perceptível o sentimento de nostalgia presentes na memória, a qual o pano de fundo abundante é a rica experiência de vida dos sujeitos que buscaram transmitir esses conhecimentos adquiridos.

Você sabe que a gente tem saudade? Quando o pai da gente morre sente uma coisa que aquele amor nunca acaba [...] parece que ainda está aqui cuidando da gente. [...] meu pai era muito pobrezinho com a minha mãe, nossa casa era de palha, tem dias que eu choro por causa da minha mãe e meu pai. (*Dona Selma, 68 anos, moradora do bairro Nossa Senhora de Nazaré*)

Na infância os menino acordava muito cedo e dificilmente os pais da gente achava a gente na rede, aí quando minha mãe procurava pela gente ela perguntava: *cadê os meninos?* Aí quando era mais tarde a gente chegava com umas frutas e depois ia encher água, depois ia pra escola e a escola era muito diferente [...] ninguém chamava palavrão porque a professora colocava de castigo bem no canto da porta e às vezes quando era mais grave, era de joelho né (*risos*) era muito diferente né? [...] na volta

pra casa ia encher água pros vizinhos e ia juntar frutas [...]. (*Seu Eude, 61 anos, morador de Parintins desde seu nascimento*)

A gente sente saudade de muita coisa... a gente brincava muito aqui na praça de São Benedito, [...] brincava muito de queimada, jogar bola, e essa igreja que tem aqui era pequena. (*Dona Meuri, 61 anos, moradora do bairro São Benedito*)

[...] tinha uma praia que nascia no período de seca, o pessoal ia jogar bola aí nós saímos de casa cedo, quase no escuro, conseguimos uma **canoas**³ grande, cada um pegou um pedaço de tábua e remamos, remamos, remamos, levamos bola, levamos pão pra comer, a gente esqueceu do horário, né, aí quando deu horário já escurecendo chegamos em casa, meu pai procurando a gente [...] pois fomos muito assim criado na obediência, tinha hora de chegar em casa, tinha que dizer pra onde ia, na hora que saía, tomar café, na hora que chegar tomar a benção, então era muito diferente de hoje. (*Seu Eude, 75 anos, morador de Parintins desde seu nascimento*)

Nos trechos destacados nota-se o sentimento de saudade, principalmente no que se refere à infância feliz e simples. Conforme contam, relembram e revivem memórias da infância, da família, dos lugares, da alimentação natural e saudável. Os modos de vida, os costumes, o respeito aos mais velhos, a autoridade em que os mesmos possuíam em relação aos mais novos. As brincadeiras de rua, a escola, os estudos, além de elementos históricos da cidade de Parintins, também marcaram as narrativas.

Ao vim a Parintins, deixava uma carta aqui por um mês, pra receber a resposta no outro mês, por 45 dias e esperava, não havia celular, telefone, nem rádio, nem televisão, daí hoje em dia a evolução, evoluiu muito e é diferente, quando chega o pai, a esposa em casa tudo fica no celular e a educação na época era difícil, não tinha geladeira, a comida era tudo salgada mas tinha saúde, minha mãe morreu com 80 anos, não usava óculos e costurava muito bem, hoje em dia a pessoa com colesterol, pressão alta, com diabetes, perda de visão, tantas pessoas. E o respeito que tinha na época... hoje não tem mais, mesmo na frente do pai e mãe [...]. (*Seu Manel, 60 anos, morador do bairro Francesa*)

A educação para os filhos antigamente era bem rígido, a gente tinha que obedecer mesmo, e se seu pai olhava, já sabia que o negócio ia pegar se a gente não obedecesse. Hoje não, hoje a gente olha, faz careta de todo jeito e a criança não obedece. (*Dona Maridélia, 60 anos, moradora da Avenida Amazonas*)

Destacamos que no momento das falas, os sentimentos afloravam pela voz, pelas expressões faciais, a emoção, o brilho nos olhos, o choro, o riso, aspectos esses misturados à nostalgia e melancolia de um tempo que não poderá voltar, além do lamento pelas distâncias, sejam geracionais ou pelas tecnologias, que hoje se estabeleceu em relação aos mais velhos. É nesse sentido que Busatto (2012) afirma que contar histórias permite uma aproximação e interação entre o narrador e o ouvinte: “[...] ao contar, doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que se torna fundamental: que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado.”

³ Do dicionário Tupi-Guarani / Português desenvolvido por Jhulana Yatra que significa: Embarcação a remo, esculpida no tronco de uma árvore.

Benjamin (1987, p. 10) salienta: “[...] a arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte, fundamentalmente, da transmissão de uma experiência do sentido pleno, cujas condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna.” A modernidade está em decadência devido à falta da oralidade a qual é um momento de compartilhamento de experiências e valores, o mundo atual está perdendo cada vez mais a arte de narrar. Segundo o autor “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. (BENJAMIM, 1987, p. 200).

Algo marcante nas histórias orais foram os relatos saudosos da infância, lembranças das brincadeiras de rua com os amigos, sem medo ou receio dos perigos ou doenças, dos inventos e peraltices presentes na memória, que segundo os sujeitos, viveram mais intensamente do que a geração atual. Por isso, “*conte um pouco seu Manel!*”, exponha suas lembranças, memórias e saudades. A memória, que por sua vez alimenta a história e procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro (LE GOFF, 1994)

Vale destacar os estudos de Nascimento e Menandro (2005) acerca da *memória social e saudade*, quando afirmam que o sentimento saudoso não é por princípio *escapista*. Mais do que uma fuga para um passado idealizado, ele permite ao sujeito saudoso, via comparação entre passado e presente, avaliar qualitativamente a sua própria história. Também não é essencialmente *conformista*. A crença em uma situação mais satisfatória, ainda que essa situação esteja localizada no passado, como na saudade da infância, sustenta ainda a possibilidade de um futuro se não tão satisfatório quanto, pelo menos mais próximo de um grau de satisfação anterior. É preciso, entretanto, que se recoloca a questão lembrando que o próprio conteúdo da memória é palco de divergências entre grupos e sujeitos. No caso específico da lembrança saudosa, os conteúdos se integram sob “a percepção individual de privacidade das lembranças” aliada à “partilha social do sentimento”: *saudades do meu tempo de menino, da minha terra etc.* Talvez seja mesmo essa uma das principais características a unirem a multiplicidade de sentidos cotidianos da palavra *saudade*.

Em síntese, abordamos aqui essas memórias misturadas às saudades, aos atos de recordações que a ação de contar impele. As histórias vividas, as trajetórias, as formas de sobrevivência e trabalho, as memórias afetivas, são reintegradas quando possibilitamos a presença delas pela escuta sensível e humana nos encontros e no olhar atento às histórias partilhadas.

4.2 HISTÓRIAS DE VISAGEM, APARIÇÕES E CRENÇAS DO COTIDIANO AMAZONENSE: *dá licença para eu “encantar!”*

Nesse tópico serão abordadas as histórias “encantadas” contidas nas falas dos moradores entrevistados. Foram envolventes e marcantes as narrativas dos contadores em relação às lendas, mitos, crenças religiosas, retratando a diversidade das tradições orais que constitui nosso contexto amazonense. A expressão no olhar, a tonalidade da voz, a gesticulação das mãos e a veracidade de suas histórias enfatizando: “*É verdade, aconteceu comigo!*”, contribuíram para maior interação e socialização de saberes, regado a emoções e sentimentos vívidos.

As narrativas orais que serão descritas são consideradas e afirmadas pelos moradores como verdades e levadas a sério, além de ser parte do cotidiano de suas vidas e histórias. Percebe-se que nos relatos estão presentes as histórias de visagem e aparições, crenças, crendices, mitologias, imaginários que fazem parte dos contos de tradição oral.

[...] aí apareceu o **calça molhada**, toda noite passava lá com água ainda na bota, ele é um boto que andava de noite querendo namorar com a menina só que não tinha coragem, aí ele ia atrás das menina que menstruaram [...] ele vinha das seis e meia pras sete hora, passava rente da casa, aí a gente rezava, tinha que rezar pra ele não entrar, fazer a fumaça de casca de alho, de cebola. (*Seu Manel, 60 anos, morador do bairro Francesa, nasceu na comunidade de São Pedro do Marajó*)

Tem o **curupira**⁴, ela faz judiação, a natureza é deles né, pertence a eles, aí quando o caboco passa pelo território dela aí começa **judiar**⁵ né, aí a pessoa rodia e rodia e dá no mesmo local, rodia e rodia dá no mesmo local. Pra sair, a pessoa tece uma palha, aí a pessoa vai de costa e joga aquela palha, aí depois a Curupira quer desenrolar aquilo, né? ela não sabe e aí a pessoa consegue sair do local, a curupira se distrai com aquilo. (*Seu Ney, 61 anos, morador de Parintins desde os 9 anos de idade, veio da comunidade Praia do Mocambo*).

Aí eu levantei, peguei, apaguei a lamparina, aí quando nós viemos vi a cobra, Nossa senhora, aquelas duas tochas de fogo assim, mas ela só fazia passar assim, dava lá voltava lá, passava mais na beira aí ela vinha embora. (*Dona Teca, 74 anos, nasceu na comunidade da Águia*).

Não foi comigo, né, minha irmã, a Antônia que conta. Um dia minha irmã tava na comunidade do Atuca, né, e ela tava sozinha com as criança. Zé tinha saído pra pescar, não tinha luz, era na lamparina, hoje tem luz mas é fraca, e aí ela conta que tavam tudo dormindo, a casa era de **assoalho**⁶ e não tinha ninguém morando por perto e naquelas caladas da noite ela ouviu tipo um grito, bem lá longe, e ela ficou lá escutando calada, o grito assombrado não era de gente, era estranho [...] vinham chegando perto no meio da mata e ela sentiu que não era coisa humana, era bicho do mato e ficava chegando perto e perto, ela acordou toda as criança, colocou na canoa e empurrou a canoa pra longe da beira e sabe aquelas árvores que tem no meio do rio quando tá cheio? Ela puxou a canoa e se prendeu atrás da arvore e ficou lá de tocaia, pois não é que aquele grito chegou na casa e entrou? Depois saiu e rodou a casa e

⁴ Ser fantástico que, segundo a crença popular, habita as florestas e é o protetor das plantas e dos animais.

⁵ Ato ou efeito de judiar, maldade, perversidade.

⁶ Assoalho: Rente ao chão.

parou na beira do rio, no mesmo lugar [...] E tem gente que fala que já passou pela mesma coisa. (*Dona Lena, 61 anos - moradora de Parintins desde os 24 anos de idade, nascida na comunidade de São Francisco*)

Percebe-se nas narrativas, por meio da tonalidade da voz, as expressões faciais, a gesticulação e a convicção, o trâmite entre a realidade e a imaginação proporcionada pelas histórias orais, bem como salienta Busatto (2003, p. 59) que “[...] contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e [...] se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário [...]”. Durante a contação dessas histórias, é impossível não se encantar, pois a maneira em que foram narradas permite-nos viajar nas narrativas, nos identificar com as histórias, como amazonenses. Os sentimentos e emoções presentes nas histórias orais superam o imaginário e tornam-se parte da realidade.

Mais uma vez a memória é um grande contribuinte para a transmissão das tradições, saberes, valores, ritos e costumes, que continuamente estão interligados às experiências de vida, aos sentimentos de identidade e pertencimento cultural. Delgado (2003, p. 14) explica que “Tempo e espaço têm na memória sua salvação [...] ambos são esteios das identidades. São suportes do ser no mundo. São referenciais que tornam os homens sujeitos de seu tempo.”

Apoiando-se nas ideias de Bachelard (2009), em relação ao processo de imaginação e criação, encontram-se as vivências particulares do indivíduo, considerando sua visão de mundo interior e exterior. Nesse sentido, a imaginação criadora aparece como inspiração, possibilitando o aparecimento de símbolos na realidade. As histórias, os contos de encantamento, os mitos são manifestações favorecidas pelo cenário dos rios, das matas, das pescas noturnas, das caçadas, o que dão luz aos imaginários aos símbolos, interações e subjetividades com o mundo a nossa volta.

Tinha minha irmã, ela gostava muito de pescar quando tava grávida, mesmo grávida não arregava pra dificuldade né, e engatava tracajá na malhadeira e pra não estragar a malhadeira ela cortava a garganta do tracajá, e quando a criança nasceu, nasceu sem esse sininho da garganta, ele nasceu sem [...] (*Dona Lena, 61 anos, moradora de Parintins desde os 24 anos de idade, veio da comunidade de São Francisco*)

Papai lambava malhadeira lá com cipó alho, pra espantar a **panemice**⁷ da malhadeira, né, aí a pessoa lamba a malhadeira, a pessoa corta aquele galho e lamba malhadeira pra ela pegar o peixe, é verdade, acontece e funciona porque o papai fazia isso [...]. (*Seu Ney, 61 anos, morador de Parintins desde os 9 anos de idade, veio da comunidade Praia do Mocambo*)

E gente acredita nos espírito né, de espírito do mato, da água, meu cunhado foi pescar uma vez, ele foi sozinho e tarde da noite, tavam tudo com fome e ele foi, e ele entrou tipo num garapé sabe, que tem aquelas raízes grande de árvore, ele entrou né, e foi devagarzinho, mas não chegava no fim e foi entrando mais e ele desconfiou, ele foi

⁷ De pouca sorte.

recuando pra trás, que quando ele percebeu alguma coisa puxava a canoa dele de volta, foi aquele desespero, depois ele sentiu um cheiro bem forte, nunca sentiu antes e que quando ele conseguiu voltar, era dor de cabeça, dor de cabeça que não parava, foi reza, banho, oração, até que depois de dias ele melhorou mas ele nunca voltou pra lá, pra pescar, aí minha irmã diz que foi bicho do mato, que ele não pediu permissão pra entrar lá. (*Dona Lena, 61 anos, moradora de Parintins desde os 24 anos de idade, veio da comunidade de São Francisco*)

Compreende-se a forte relação comunitária e de respeito pela natureza, a interação com plantas que resultam em banhos, ervas e chás para tratamento de doenças e as rezas para espantar os “maus olhares” e a má sorte, além da forte crença na ligação e interação com a “Mãe Terra”. Segundo Loureiro (2003, p. 21) “na sociedade amazônica é pelos sentidos atentos à natureza magnífica e exuberante que o homem se afirma no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo.”

Esse conjunto de comportamentos e crenças serve para manter a vida na comunidade com certo equilíbrio, que, caso desrespeitadas as regras da natureza, serão atormentados pelos seres místicos que protegem seus territórios da maldade humana. Esse sentimento é o que se entende do sentido de identidade, pois são conjuntos de valores que resistem ao tempo e suas mudanças.

Não é possível compreender em todas as suas consequências esse vasto, diversificado e complexo etnoconhecimento que se produziu ao longo de séculos anteriores e posteriores à conquista sem considerarmos suas dimensões cosmológicas, rituais, mágicas e simbólicas que habitam o mundo da vida das comunidades, no sentido de que todos esses significados, usos, técnicas e práticas são partes da totalidade cultural desses povos (PINTO, 1992, p. 187).

Essas narrativas, tradicionalmente transmitidas pela oralidade (o conto de fadas, o conto maravilhoso, o conto de ensinamento, a fábula, a lenda, o mito, os contos de animais, etc.) estão a serviço do imaginário humano e que se valem, para serem produzidos, das subjetividades. Segundo Barbosa (2011), ouvir as histórias do Boto e do Curupira e demonstrar ceticismo é descreditar as palavras do contador, é duvidar das experiências que muitos afirmam ter tido no encontro com esses seres enigmáticos dos rios e das matas. Então, o interesse aqui é tratar dessas *literaturas vivas* encontradas nos rincões da Amazônia [amazonense], contada pelo (a) caboclo (a) com ou sem escolaridade, mas que as conta muito bem, sem se ater aos ditames científicos das universidades, ou sem se prender às regras a que obedece a literatura escrita tradicional.

4.3 ENTRE NARRATIVAS, DIALETOS E VIVÊNCIAS: “conte mais um pouco, por favor!”

É difícil englobar todos os saberes culturais amazonense diante da grande riqueza que engloba a vida dos habitantes, desde os seres místicos e espíritos das terras, águas e florestas, das quais possuem alguma lição moral ao ouvinte e que fazem parte de suas vidas e ditas como reais, conhecimento das plantas medicinais para tratamento de doenças, saberes relacionados ao cotidiano do amazonense e sua ligação com os rios, águas, florestas e terras.

É nítido estar presente o mistério que envolve relações dos indivíduos com a tudo o que envolve a Amazônia com seus mistérios que a natureza guarda, embrenhados na floresta e águas e sendo decifrados a aqueles que buscam entende-los e respeitá-los. A forma de manifestação ocorre pelo perpasso desses saberes através da oralidade, havendo lógica ou não, a força e determinação em acreditar que são reais é imensurável, mesmo que não sejam experiências próprias, vividas pelos sujeitos, apenas pelo fato das pessoas ao redor acreditarem, saberes, narrativas e dialetos passam a fazer parte de suas vivências que “entre o rio e a floresta, a experiência transcendente resulta experiências vividas.” (LOUREIRO, 2003, p. 26).

O diálogo com os moradores proporcionou a escuta de tantas histórias atraentes, inclusive engraçadas e lúdicas. Os relatos abaixo retratam narrativas permeadas de crenças e credences religiosas, misticismos, enriquecidas por um surpreendente repertório linguístico popular que nos identificam como amazonenses.

Aprendi com a mamãe, quando a criança está cheia e chorona, a mãe faz um banho para a criança, ela pega a planta juquiri e dá banho na criança, isso deixa mais mansa e quando a criança fica se espremendo, mamãe diz que é na lavagem da roupa da criança, quando espreme as roupas do bebê, ele fica se espremendo também, as vezes quando tinha alguma coisa, chamava os laço branco, que são os curandeiros né, eles faziam a pajelança⁸ deles lá, quando o bicho fazia judiação ou era **malino**,⁹ Colocar a **mãe do corpo**¹⁰ no lugar quando queria chamar alguém de volta, você pegava um pé de cutia, ia pra debaixo da mesa e batia o pé da cutia e chamava o nome da pessoa, fazia lá uma reza, né, aí a pessoa voltava. Papai também fazia umas coisas pra atrair peixe, ele jogava resto de mandioca na água e batia o remo no lado da canoa e os peixe vinham tudo, aí a gente comia bem. Pra criança não comer espinha de peixe, media um fio no pescoço do cachorro e colocava no pescoço da criança, também tinha muito remédio caseiro, banha de boto, de sicurijú, de jibóia, pra curar doença. Mamãe fazia diferente, ela alagava a canoa de propósito e jogava a casa do cupim e palha em cima pra atrair os peixe. Pra caçar o papai pegava o olho do boto tucuxi e dava pro cachorro caçar, dava certo, era moleza porque era tudo **curumin**¹¹, **cunhantã**¹², tudo com **piema**¹³, a gente fazia isso. (*Seu Zacarias, 61 anos, morador da Santa Clara*)

⁸ Preparado dos pagés.

⁹ ruim, perverso.

¹⁰ Mal-estar corporal, que produz lassidão, moleza, preguiça.

¹¹ Criança, menino.

¹² Garota.

¹³ Preguiça.

[...] num pode assim matar bicho quando a mulher tá prenha, porque o espírito do bicho vinga na criança, num pode matar bicho quando a mulher tá prenha.[...] (*Dona Lena, 61 anos de idade, moradora da Francesa*)

A gente não tinha condição né, as vezes a comida era só arroz com farinha, a gente ia pro outro lado de casa e pescava, fazia foguinho e quando conseguia, tratava o peixe mesmo sem **jirau**¹⁴, fazia **moqueado**¹⁵, nossa comida era tudo dos fruto, pegava e apanhava caju e tirava a castanha, assava e fazia paçoca, isso quando não tava **jururu**¹⁶, se ficasse ficava sem comer. Quando tinha não muita comida, a gente ficava comendo saúva, tirava a cabeça e fritava o resto e comia com farinha e quando sentia sede, pegava canoa e ia lá pro largo pegar água, não tinha geladeira e a água do largo era geladinho, enchia tudo os balde e subia pra terra e colocava no tacho e a gente usava o **urucum**¹⁷ na comida. (*Dona Lena, 61 anos de idade, moradora da Francesa*).

Ao analisar as narrativas orais, transcritas aqui de modo literal, notamos o conjunto de dialetos presentes, os quais nos identificaram também. Como pesquisadora iniciante, nascida em Manaus e criada em Parintins desde os primeiros meses de vida, cujos familiares sempre se sustentaram na vida como pescadores, farinheiros, caçadores, “puxadores”, e muitos ainda moram nas comunidades rurais, foi surpreendente ouvir as falas dos moradores, foi realmente revigorante para alma, para a memória, para obtenção de conhecimentos e aprendizados.

Destacamos uma ocorrência no momento das entrevistas orais, em que houve constrangimento de alguns participantes, tentativas de se “corrigir”, “falar certo” por se tratar de uma entrevista para a universidade, alguns sujeitos trocavam seus dialetos para se “encaixarem” na linguagem formal. Além da desistência de moradores que consideravam seus saberes insignificantes, o que levou uma reflexão sobre os estereótipos que inferiorizam esses saberes.

Segundo Loureiro (1995) as identidades culturais caboclas, como ocorre também com relação a outras culturas, tem a ver com o registro de determinadas matrizes de pensamento e de comportamentos que estão secularmente registrados na memória social dos grupos humanos e que gozam da condição de durabilidade e persistência no tempo, e é, justamente graças a essa força interior, de origem mais que secular, que os caboclos das cidades ainda conservam traços fundamentais de sua cultura. Mas nelas, em especial nas maiorias, embora procurem adaptar-se a um habitat onde, parecem evidentes as condições de vida diferem significativamente daquelas vividas anteriormente no mundo rural “[...] enfrentam os estereótipos a eles conferidos: ignorantes, incapazes de assimilarem os padrões de modernidade que a cidade

¹⁴ Armação em madeira, suporte, tablado.

¹⁵ Secado ou assado em folha de bananeira.

¹⁶ Cabisbaixo, tristonho, abatido.

¹⁷ Fruto do urucuzeiro e é usado pelos indígenas para realizar pinturas, além de ser usado no tempero da comida.

oferece, sem ambições pessoais, de fala típica e ridícula, interioranos, primitivos, aos quais se adita a omissão dos poderes públicos.” (LOUREIRO, 1995, p. 30-31).

Retratam-se nas falas um pouco do universo dos saberes tradicionais do homem e da mulher amazonense, oriundos de comunidades rurais, com um arcabouço cultural e sensível em muitos aspectos, já mencionados neste trabalho. Os moradores, que concederam suas vozes, histórias e memórias, ainda colocam em prática algumas técnicas e instrumentos tradicionais, as relações com a terra, a natureza, o meio ambiente; e transmitem seus ensinamentos e conhecimentos singulares.

Conhecimentos como práticas religiosas, o uso de plantas medicinais, o cultivo de alimentos, as danças, a pesca, a caça, tudo isso foi passado através da oralidade. Não existem livros que nos expliquem sobre a reza que a bisavó fazia para curar os “maus olhares”, tudo isso está consubstanciado pela tradição oral e seus ensinamentos. (ALVES, s. d.)

É pela continuidade da prática desses saberes e vivências que a memória é exercitada em situações de vida, onde surge um conselho que vem das experiências desses sujeitos - as quais, em muitos aspectos se diluem na corrida rotina da cidade -, da ligação e intimidade com a natureza ou no sentimento comunitário e afetuoso expressos no ato solidário, na doação, no abraço de (re)encontro, no forte aperto de mãos. “A memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado.” (PINTO, 1998, p. 307).

Estes protagonistas encontram-se na cidade, mas ainda resistem às mudanças sofridas pelo tempo, cultivando seus saberes no cotidiano e compartilhando suas narrativas em momentos oportunos. O linguajar característico declara notavelmente nossas identidades caboclas. Sérgio Augusto Freire, amazonense de Manaus, professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) possui estudos, livros que são fruto de paixões misturadas: a paixão pela ciência, a paixão pela linguagem e a paixão pelo Amazonas.

Segundo o autor a paixão pela ciência se manifesta porque é por meio dos trabalhos científicos que descrevemos e explicamos e, portanto, compreendemos melhor o mundo em que vivemos. E a paixão pela linguagem se dá pelo que aprendemos, pois é ilusão acreditar que a língua portuguesa é única e inteligível por todos os seus falantes. Um breve deslocamento basto, para ouvir outras línguas portuguesas, com outras palavras, outros cantos, outras identidades. Assim, obra “Amazonês” (FREIRE, 2017) descreve sua terceira paixão pelo Amazonas, o que confluuiu para o aparecimento do dicionário “Amazonês”, a exemplo algumas palavras como:

- ✓ Apresentado: metido a besta
- ✓ Beira: margem do rio
- ✓ Bodozal: bairro pobre, periferia
- ✓ Boto: cetáceo dos rios amazônicos. Conhecido por lendas que dizem ser o “boto” o responsável pela gravidez de garotas ribeirinhas.
- ✓ Bubuia: ficar sem fazer nada, ficar flutuando na água.
- ✓ Carapanã: pernilongo
- ✓ Chibata: coisa muito boa
- ✓ Dos vera: de verdade
- ✓ Emborcar: virar de ponta cabeça
- ✓ Frescar: encher a paciência, encher o saco
- ✓ Gabolice: orgulho besta
- ✓ Guaramiranga: barco que nunca chegou
- ✓ Malinar: fazer malvadeza
- ✓ Maninho: tratamento carinhoso
- ✓ Pitiú: cheiro. Geralmente associado a peixe
- ✓ Ralhar: dar bronca
- ✓ Ticar: cortar o peixe para quebrar as espinhas, furar alguém numa briga

Na leitura das palavras, aportamos também nossa canoa nesta literatura rica de sentidos e expressões cotidianas. Vinculamos esses saberes às nossas práticas de vida, às nossas convivências, à comunicação humana que mantemos diuturnamente. No “ticar” do peixe, no “ralhar” o menino, ao colocar fumaça para espantar “carapanã”, no medo do boto, na contemplação das beiras dos rios. E algumas vezes, sendo realmente “metidos a besta” em várias ocasiões.

Em síntese, tais registros e análises objetivaram dar visibilidade às linguagens, aos dialetos amazonenses, às tradições orais expressas das diferentes formas, pois são vozes tecidas e entremeadas de sentimentos, fé, certeza, afeto. Entrelaçadas aos valores, ao sagrado e o sobrenatural, às experiências e explicações iluminadas pela religiosidade e os mitos. Assim, cultivamos e resguardamos esses saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os relatos dos 10 (dez) moradores da cidade de Parintins (Am) que contribuíram com a pesquisa, foi constatado um acervo de saberes presentes nas narrativas orais entrelaçadas ao cotidiano, pois não nos damos conta, muitas vezes e claramente, que esses saberes estão aos poucos se perdendo no/com o tempo. Vozes silenciadas, não escutadas e as que já partiram; ou que emudeceram por conta das mudanças frenéticas que ocorrem na sociedade atual e modificam as relações, as conversas no quintal, as “prosas” na varanda, à beira da mesa, na frente das casas.

Logo, faz-se necessário evidenciar e oportunizar as vozes das experiências, a valorização dos diálogos, das falas presentes, das vozes que permitem a compreensão de si e do outro, do que foi no passado e do que é hoje.

As heranças culturais tradicionais, por meio das memórias, permitem reflexão acerca do que não dá conta de ser documentado, pois a riqueza ocorre nas trocas de experiências entre os sujeitos e são relevantes tendo em vista que o ser humano constrói sua identidade na interação com outros seres humanos e assim constrói sua memória coletiva, o que permanece consigo ao longo do tempo. Por meio do resgate da memória, ocorrido nas escutas dos nossos protagonistas, recordaram histórias, vivências, saudades. Reviveram sensações, cheiros, vozes, modos de vida, fé e crenças.

Nos encontros e diálogos com os moradores, outros componentes da família se faziam presentes, os encontros não ocorreram isoladamente, a pesquisa possibilitou um resgate de momentos em família, um momento em que a memória coletiva fez-se presente. E quando acontecia o esquecimento de uma palavra, episódio ou elementos da história narrada, um familiar presente ajudava a completá-la, reiterava fazendo outras recordações de experiências de vida a qual se assemelhava ao que estava sendo falado, pois “certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente em nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior.” (HALBWACHS, 1968, p. 25).

Em síntese, este trabalho propôs reflexões, registros e valorização das memórias e histórias contidas nos contos de tradição oral em contexto amazonense e procurou dar conta dos objetivos propostos, considerando a grandeza e fluidez dos saberes abordados, os quais nunca se esgotarão, cujos conteúdos construídos dão visibilidade ao que foi produzido na pesquisa. Para Barbosa (2011) o que se pode afirmar é que a escrita serve para guardar o nosso patrimônio cultural, e a herança cultural transmitida através da oralidade também pode se manter viva, ultrapassar as barreiras geográficas, mantendo o essencial de que precisamos para assegurar o que aconteceu no passado, ainda que se tenha subtraído ou acrescentado no decorrer do tempo.

Assim, vivenciamos e construímos relações, escuta sensível, olhos atentos, curiosidade científica, epistemológica, mas, sobretudo, entusiasmo pelos contos de tradição oral, pela aproximação com os contadores valorizando suas memórias na arte contar e evidenciando histórias familiares que passam de geração em geração.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francione Charapa. **Histórias orais e contos de tradição**: formando professores em meio a comunidade. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_COMPLETO_EV174_MD1_ID14990_TB2761_03102022113613.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós modernidade**. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BARBOSA, Joaquin Onésimo Ferreira. **Narrativas orais**: performance e memória. Dissertação de mestrado “Sociedade & Cultura da Amazônia” do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. “Walter Benjamin ou a história aberta” in: **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed., Brasiliense, 1987.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. 3. ed. Manaus: Valer, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memórias e sociedade**: lembranças de velhos. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: pequenos segredos da narrativa. 8. ed: - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2003.
- COSTA, Nádia Pinheiro da. et al. **Contação de história**: tecnologia cuidativa na educação permanente para o envelhecimento ativo. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 69, n. 6, p. 1132-1139, nov./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0390>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- CHAUÍ, Marilena. **A atitude científica**. Convite à filosofia. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Nevez. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. 2003.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história**: uma fábula sobre o que é suficiente. tradução de Waldéa Barcellos. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FREIRE, Sérgio. **Amazonês** – expressões e termos usados no Amazonas. 2.ed. Amazonas: Valer, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 1968.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- JACOB, Paulo. **Dicionário da língua popular da Amazônia**. Manaus: Reggo, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LOUREIRO, Paes. **Meditação e devaneio**: entre o rio e a floresta. Revista Somanlu, 2003.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MENDES, Amado. **Vocabulário amazônico**. São Paulo: Sociedade impressora brasileira, 1942
- NASCIMENTO, Adriano Roberto; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. (2005). Memória social e saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2005.
- PINTO, Renan Freitas. Etnoconhecimento e Etnociência. In: CATTANI, Antônio David; PORRO, Antônio. **O Povo das águas**: Ensaio de etno-história Amazônica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.
- SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade? Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SMITH, Vivian Hamann; SPERB, Tânia Mara. A construção do sujeito narrador: pensamento discursivo na etapa personalista. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 553-562, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007 (Série: Amazônia: a terra e o homem).